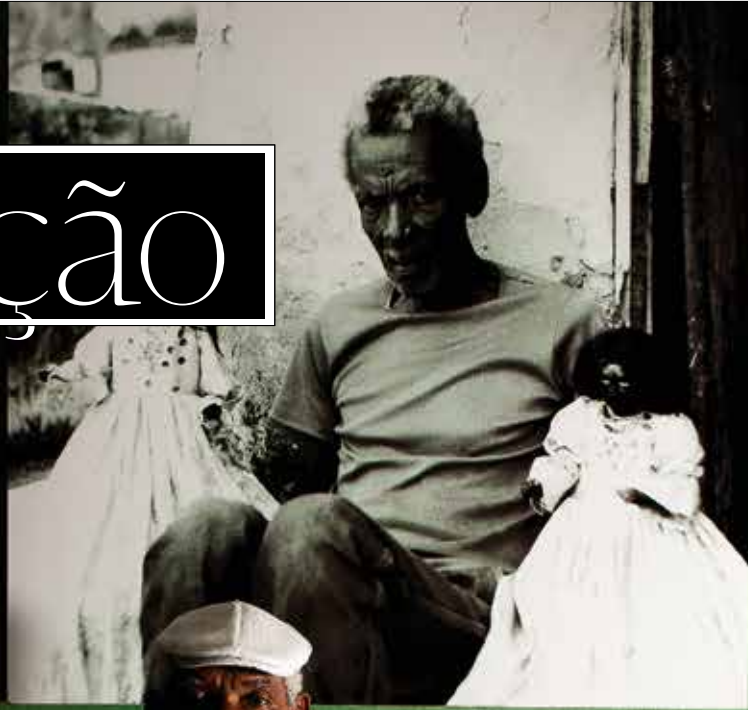


CON
TI
NEN
TE

Tradição



MARACATU

Com o agô dos orixás

Leão Coroado completa 150 anos de atividades ininterruptas neste mês de dezembro, mantendo as condutas e práticas religiosas herdadas do século 19

TEXTO *Isabelle Câmara* FOTOS *Diego Di Niglio*

Ele se autodenomina “zelador das tradições” do maracatu Leão Coroado. Mas, há 17 anos, é dele a missão de salvar, preservar, desenvolver e renovar a cultura do mais antigo maracatu nação de Pernambuco em atividades ininterruptas, transmitindo saberes e fazeres aos cerca de 90 integrantes da agremiação – papel desempenhado pelos mestres da cultura popular.

Afonso Aguiar, 65 anos, babalorixá, assumiu a honrosa função no dia 19 de outubro de 1996, quando o mestre Luiz de França dos Santos, sacerdote do culto dos orixás e destacado membro das irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, já muito doente, percebeu que estava na hora de repassar o comando do folguedo, atividade à qual se dedicava desde 1954.

“As pessoas tendem a acreditar que o dirigente de uma organização carnavalesca é a própria organização. Mas Luiz fez uma autocrítica e, em determinado momento, talvez tenha sentido que, se ele desaparecesse, o maracatu, da forma como ele

o conduzia, corria o risco de não prosseguir. Luiz criou a consciência de que o maracatu não era ele. A partir de então, passou a perseguir, com urgência, a ideia de encontrar um sucessor”, conta José Fernando Souza e Silva, pesquisador em cultura popular e membro da Comissão Pernambucana de Folclore.

A confirmação de que estava na hora de encontrar um substituto veio de maneira metafísica, mas que faz sentido na cosmologia dos cultos afro em nagô, com os quais o maracatu se mimetiza e confunde. Mestre Luiz consultou os búzios e os orixás, e Nanã, que no candomblé representa a protetora dos idosos e doentes, senhora da morte e guardiã dos portais da encarnação, avisou que era chegada a hora de Mestre Luiz.

De acordo com José Fernando, Roberto Benjamin, também pesquisador em cultura popular, autor de vários livros e artigos científicos sobre cultura afro-brasileira e ex-presidente da Comissão Pernambucana de Folclore, falecido no último dia 20/10, indicou o nome

de Afonso Aguiar – ainda que este soubesse quase nada sobre maracatu e mestre Luiz não o conhecesse. A indicação foi confirmada por Xangô, “pai” de mestre Luiz, padrinho do Leão Coroado e orixá do fogo, dos raios e trovões.

Numa cerimônia realizada no sítio do Pai Adão, ou Ilé Obá Ogunté, a mais antiga casa de culto nagô de Pernambuco (fundada em 1875), a transição foi anunciada ao som do agogô e dos ilus. A posse também foi acompanhada por Roberto Benjamin, José Fernando e pelo babalorixá Manoel Papai (Manoel do Nascimento Costa).

Depois desse ritual, a residência de Afonso ganhou um novo hóspede: mestre Luiz, que, na ausência de familiares, passou a receber os cuidados de Afonso e sua esposa, Janeth de Aguiar, 63. “Eu trabalhava como serviços gerais num hospital. Quando chegava em casa, ele estava lá. Dava banho, arrumava, fazia a comida, acompanhava nos médicos”, recorda ela. “Acredito que a passagem dele lá em casa foi só



CON
TI
NEN
TE

Tradição


Página anterior

- 1 **MESTRE**
Afonso Gomes de Aguiar
Filho recebeu a liderança
do maracatu nação das
mãos de Luiz de França

Nestas páginas

- 2 **XANGÔ MENINO**
Cauã Aguiar da Silva
veste as cores do
orixá patrono do
Leão Coroado
- 3 **CASA E TERREIRO**
Não há distinção entre
a vida laica e a religiosa,
sendo o candomblé
constituente do grupo

pra entregar o maracatu pra gente”, sugere Janeth, que hoje atua como dama do paço e costureira do grupo. “Foram seis meses de muito aprendizado. Conversávamos dia e noite, madrugada a dentro, sobre maracatu. Ele me ensinou o baque secular, que ele aprendeu com o pai, tocando na mesa, explicou a função de cada instrumento, as toadas, repassou os segredos e a parte religiosa”, lembra Afonso.

José Fernando também fala sobre esse período: “Luiz era um portador extraordinário da religiosidade de matriz africana nagô e tinha muito forte a característica dos transmissores de conhecimentos africanos, montada numa pedagogia da oralidade. Não apenas mestre de folgado, mas de uma teologia dos cultos afro em nagô. Luiz reconheceu que estava encontrando um sacerdote que tinha uma consistência religiosa tão grande quanto a dele e passou a ensinar a Afonso, sem abrir mão da maneira tradicional que ele tratava os saberes”. Luiz de França faleceu no dia 3 de maio de 1997, em decorrência de uma metástase, provavelmente provocada por um câncer de próstata. 



3

CORTEJO

Entre o brinquedo e a religião

Mesmo aprendiz no maracatu, o sacerdócio no candomblé e as heranças históricas, genéticas e identitária de Afonso Aguiar se afirmaram. É a ele que cabe proteger a memória, a arte, o saber, o segredo, o sagrado, o simbolismo e as habilidades da nação, transformando todos esses sistemas imateriais em música, dança, ação dramática e manutenção do brinquedo.

Na obra *Folgedos e danças de Pernambuco* (Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1989), Roberto Benjamin afirma: “O maracatu é um folguedo criado pelos negros no Brasil. A sua origem é a festividade católica de Reis Negros, celebrada na *Festa do Rosário*. Tanto nos arquivos da Irmandade do Rosário dos Pretos, do Bairro de Santo

Antônio (Recife), há documentos sobre a celebração da coroação de reis negros desde os tempos coloniais, como nos grupos mais tradicionais há ainda memória daquela festa. Relatos de negros velhos testemunham a origem católica. Além disso, alguns grupos continuam a realizar reverências com cânticos em honra de Nossa Senhora do Rosário, na porta das suas igrejas (Rosário dos Pretos, Igreja do Terço, Matriz do Pina). Hoje o folguedo se resume ao cortejo – o desfile de uma corte real negra. A organização do cortejo obedece ao estilo das procissões católicas. (...). Como a religião é vivenciada plenamente por seus praticantes, é sempre possível encontrar aspectos religiosos nas

manifestações profanas. Nos maracatus são realizadas cerimônias propiciatórias, para a obtenção da proteção dos orixás, visando o sucesso das apresentações e a realização dos desfiles sem incidentes. Também a boneca recebe reverências de natureza religiosa”.

A boneca parece representar a materialização desse diálogo da brincadeira com a religião. De acordo com Benjamin, ainda, Mário de Andrade chegou a escrever um ensaio exclusivo sobre a calunga dos maracatus: “A boneca seria uma divindade (a Calunga – o mar) cultuada pelos povos do Congo e Angola. Artur Ramos, considerando as ligações dos maracatus aos cultos gegê-nagô, portanto a uma origem iorubana, corrige aquele autor, para afirmar que os ídolos para os povos iorubanos não têm o sentido de fetiche, devendo ser entendidos apenas como representação da divindade. Ao estabelecer esta posição, Artur Ramos não levou em conta o intercâmbio cultural entre os negros de procedências diferentes no Brasil. Além destas duas hipóteses – isto é – ser um fetiche de uma divindade,



CON
TI
NEN
TE

Tradição

ou ser um ídolo representativo da divindade, há ainda de se considerar a possibilidade de ser um objeto, que por causa da consagração (que pode se renovar) concentre uma força espiritual capaz de proteger o grupo. Em um plano não religioso, as bonecas poderiam ser encaradas como crianças de colo, príncipes e princezinhas da corte real. Nenhum dos estudiosos negou, porém, um fundamento religioso para as bonecas do maracatu. Ao ser introduzida no grupo, a boneca passa por uma cerimônia nos cultos gegênagô, recebendo um nome próprio e o tratamento de princesa – Dona Clara, Dona Isabel, Dona Leopoldina”.

E Afonso é rigoroso com a tarefa que lhe foi confiada: rege os tambores

do Leão Coroado, seguindo à risca os ensinamentos musicais de Luiz; não admite calungas que não sejam de madeira; não incorporou abês à percussão, como fez a maioria dos maracatus de baque virado de Pernambuco; não participa do desfile oficial das agremiações no Carnaval do Recife, em que há disputas entre agremiações; fez da sua própria casa, no Bairro de Águas Compridas, em Olinda, a sede do grupo; não abre mão das obrigações religiosas; e expande todo o legado da tradição que lhe foi repassada por mestre Luiz, ao transmitir o conhecimento que adquiriu e construiu para os integrantes do grupo, em sua maioria moradores da própria comunidade.



Gente como Juliane Silva Costa, 24, que entrou no Leão Coroado aos 8 anos de idade, para dançar como índia e, ao longo de 16 anos, desempenhou diversas funções. Hoje, Juliane está casada, mora na Cidade Tabajara (Olinda), faz faculdade de Recursos Humanos e trabalha como recepcionista, mas todos os finais de semana vai a Águas Compridas para ensaiar com o grupo, em que atualmente é batuqueira, e aprender outros ofícios próprios da manifestação cultural, como manutenção e confecção de instrumentos e corte e costura das fantasias, ajudando Dona Janeth. “O maracatu me proporcionou muitos conhecimentos culturais. Tive oportunidades de viajar para



- 4 **CATRINAS**
Cintia de Aguiar Silva e Juliane Silva Costa integram o Leão Coroado desde a infância
- 5 **DAMA DO PAÇO**
Esposa do líder do grupo, Janeth de Aguiar tem a incumbência de carregar a simbólica Calunga



6

ENTIDADE

UM PATRIMÔNIO

VIVO DE

PERNAMBUCO

O Maracatu Nação Leão Coroado foi fundado em 8 de dezembro de 1863, embora haja a hipótese de que ele já existisse em 1852. Não há documentos que comprovem quem o fundou, mas todo o conhecimento que Luiz de França portava lhe foi ensinado por seus pais, Manoel dos Santos, africano que chegou escravizado ao Brasil e, depois de liberto, virou estivador, e Philadelphina da Hora, ambos brincantes do maracatu.

No ensaio *Gente dos maracatus*, publicado no livro *Artes do corpo*, organizado por Vagner Gonçalves da Silva (Selo Negro, 2004), Roberto Benjamin escreve que Luiz de França contava que havia recebido a direção do maracatu de seu padrinho, José Luiz, que era dirigente da irmandade de N. S. do Rosário dos Pretos do Bairro de Santo Antônio.

Coincidentemente ou não, o dia 8 de dezembro é dedicado à Nossa Senhora da Conceição que, no sincretismo religioso, é associada a Iemanjá. Este dia também é dedicado à Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos,

protetora das pessoas escravizadas, de quem o mestre Luiz era devoto.


A primeira sede do grupo estava localizada no Bairro da Boa Vista, numa rua que agora leva o nome do maracatu. Depois, o grupo migrou para Afogados, rumou para Água Fria, até chegar em Águas Compridas, onde permanece até hoje.

Em 2005, o Leão Coroado foi reconhecido como Patrimônio Vivo de Pernambuco, recebeu o Prêmio Cultura Viva (2006), do Ministério da Cultura, e se tornou um dos grupos da cultura popular tradicional que mais viaja pelo mundo, representando a cultura afro-brasileira.

Segundo Benjamin, no ensaio *Gentes do maracatu*, “Luiz de França tinha plena consciência da importância do Leão Coroado como um bem do patrimônio imaterial de Pernambuco, embora não usasse essa expressão. Ele destacava o fato de que era o único que não havia suspenso as atividades em mais de 100 anos, tendo as sucessões ocorrido dentro da comunidade da religião dos orixás, conservando os seus símbolos, estandartes, bonecas, toadas e ritmos tradicionais”.

O título de Patrimônio Vivo de Pernambuco garante ao Leão Coroado uma bolsa mensal de R\$ 2 mil, que é investida sobretudo na aquisição e manutenção dos instrumentos e da indumentária. (I.C.)

outros países e conhecer pessoas que, sem ele, não conseguiria.”

Cinthia de Aguiar Silva, 25, entrou no grupo no mesmo período de Juliane. “A raiz chama quando o tambor toca, é uma coisa da qual você tem que participar”, afirma. Ela já saiu como princesa, catrina, baiana, e hoje, licenciada em Letras, além de atuar como professora de português e inglês em escolas particulares do Grande Recife, dança e participa do coro. “A gente aprendeu muito, não só sobre a arte, mas sobre a vida. Infelizmente, o nosso país não nos permite viver de cultura, a gente tem que seguir outra carreira, mas hoje eu posso dizer que faço parte da cultura pernambucana e isso é um orgulho danado!”, comemora. 

Tradição

Depoimento

AFONSO AGUIAR

O FALADOR DE SILÊNCIOS

Ele não fala em linha reta. Suas conversas, geralmente, são em círculos. E incompletos. José Fernando explica: “Afonso é de uma ortodoxia tão valente que o fato de você ser mulher já cerceia o aprendizado em profundidade”. Ou seja, para que uma jornalista como eu entendesse o funcionamento e a dimensão do Leão Coroado foi preciso ouvir mestre Afonso, observá-lo e estar com ele, ainda que no silêncio.

Aprofundar esse conhecimento também requer conversar com integrantes, entrevistar pesquisadores, ir aos ensaios, ouvir (repetidas vezes) o único CD do grupo, lançado há 10 anos, com apoio do Funcultura, e ler a parca bibliografia que cita a agremiação. Dessa aproximação, extraímos os mais significativos trechos dos diálogos estabelecidos.

SER MESTRE

Nunca fui de cultura de Carnaval, eu não sou carnavalesco. Eles me colocaram nessa enrascada. Digo a todo mundo: eu nasci dentro (do candomblé), vivi minha vida todinha e nunca me afastei um dia do meu pai, tinha obrigação, mas nunca me afastei. Ele morreu e eu, por determinação dos orixás,

fiquei tomando conta da casa e não sei a metade do que ele sabia. Aí, hoje eu vejo gente muito mais nova do que eu, com menos vivência, se dizendo “babalorixá”, “mestre”. E eu não gosto de dizer assim, porque esse título de mestre é meio pesado. Mestre é quem vai pra universidade, fazer mestrado pra tentar defender aquela tese, né? Sempre digo: “eu tô aqui com um pouco mais experiência do que vocês, então, a gente vai tocar, vocês vão aprender comigo e eu vou aprender com vocês”.

PATRIMÔNIO VIVO

A lei diz que o Estado tem que ter 60 patrimônios culturais vivos, sendo pessoas físicas e jurídicas. Só que eles elegem duas pessoas físicas e



uma jurídica por ano. Pras pessoas jurídicas, eles estão dando uma quantia de R\$ 2 mil e, pras físicas, eu não sei, mas acho que é R\$ 1,3 mil. Se fosse uma brincadeira que você ficasse o ano todo parado e tivesse aquele dinheiro entrando todo mês, quando visse (ao final de um ano), tinha uns R\$ 25, 22, 23 mil, que dava pra suprir. Mas você ensaia toda semana, que é pra inserir o pessoal da comunidade, aí rasga os bombos, quebra, e tem que repor e tem que fazer (novos). E o patrimônio físico é a mesma coisa: é um patrimônio que ostenta aquele saber que foi eleito Patrimônio Vivo. Eu não penso em ser patrimônio vivo (pessoa física). Todo mundo que entra, morre. Parece

que chama. Faleceram Arlindo dos Oitos Baixos (23/10/13) e Salustiano (31/08/2008), que eram patrimônios.

CARNAVAL DE PERNAMBUCO

Depois que assumi o Leão Coroado, de acordo com o que eu tinha conversado com Luiz, para manter do jeito que ele deixou, eu fui verificando que, se permaneço na competição (desfile oficial das agremiações, na Av. Guararapes), como ele participava, eu iria, automaticamente, me estilizar. Eu não me achava com o direito de mudar, como o pessoal tava pleiteando, porque ia desvirtuar, ia acabar com a tradição. Na época de Luiz, não havia essas mudanças, mas quando cheguei, começaram a pedir pra colocar abês e outras coisas. E pra evitar um atropelo, achei melhor desistir. Consultei os orixás e recebi o aval pra sair. Eu participo nos palcos, como no Alto José do Pinho, em Casa Amarela, mas só não participo do desfile oficial, que é a competição. Da Noite dos Tambores Silenciosos eu voltei a participar esse ano, pois houve um problema na época do ex-prefeito. O pessoal mudou muita coisa e eu não concordava. Mas, como não é mais ele o prefeito, eu voltei.

RELIGIOSIDADE

O maracatu só é nação se tiver um vínculo religioso e de verdade, né? O ritual para o Carnaval já começou. A gente fez uma oferenda (para os orixás) no dia 2 de novembro (Finados), pedindo fortalecimento, para que nos guiem. Pra gente, o Carnaval não é festa profana, tudo tem caráter religioso. Mesmo que você não seja do maracatu, todo pessoal que é de candomblé, quando chega na semana de Carnaval, se reúne o pessoal do terreiro todinho para dar aquela oferenda a Iansã, pra ela tomar de conta de todo o povo no Carnaval, para que a festa vá sem atropelo, acidente, roubo. Minha vida é todinha assim e o relacionamento do Leão Coroado com o candomblé é muito íntimo. A história é muito mais séria do que se pensa. Não existe separação, não.

CALUNGA

Nossa calunga é Dona Isabé, em homenagem à princesa Isabel, que fez a abolição. Dizem que o maracatu é comandado por Xangô, mas não

pode. Você pode ter um orixá como padrinho, mas não pode dizer que é de Xangô, porque o maracatu é da religião, foi nascido dentro do terreiro como candomblé, mas ele tem um egum (espírito pós-morte) na frente, que é um ancestral, e é a Calunga. Agora, Luiz era filho de Xangô, então ele sacramentou que a bateria do maracatu sai de vermelho e branco. A calunga do maracatu tem que ser de madeira. E tem que ser por inteiro, uma figura completa. Você encontra maracatu que só é um busto: enfia um pau, veste a roupa e vão. A dama do paço é quem leva a calunga. Minha esposa, Janeth, é que faz isso, porque fica difícil você arrumar uma pessoa de confiança que pegue aquela calunga. A pessoa que pega nela tem que estar em abstinência sexual e fora do ciclo menstrual. Após o estandarte, vem ela, ela é quem guia. Aí, então é uma procissão, né? Não é uma correria. Cada coisa representa uma coisa, que é pra formar um conjunto. E é nessa guerra que a gente vai chegando aos 150 (anos).

AGOGÔ

O agogô só tem um. Ele é o coração (do maracatu). A história é uma coisa que gera muita polêmica entre o nome agogô e gonguê. Gonguê é aquele que tem duas bocas, o agogô só tem uma. E o nome dele é agogô porque ele é que vem pedindo licença aos orixás e dá sinal para os bombos tocarem.

PEDAGOGIA DA ORALIDADE

O aprendizado da gente é oral. Se você não participou de nada, só porque hoje chegou aqui, tocou e aprendeu a tocar, vai chegar ali embaixo e dizer: “sou mestre”? Dentro do candomblé você não tem condições de vivenciar (o aprendizado) com 30 anos de idade. Não tem. Se o aprendizado é oral, então tem que conviver, né? Viver e conviver, que é pra ver aquele dia a dia. Se você não vê, vem aqui de noite, toma um cafezinho e vai embora, não aprendeu a conversa, não sabe o que aconteceu durante o dia, não sabe aquele processo todo. Tem que colocar eles (as crianças e os jovens) pra conviver e pra viver dentro, para eles se habituar e ter uma responsabilidade em cima dele. Acho que, talvez, o pessoal ainda não tenha entendido o potencial da oralidade. **C**